© 2016, Autores, Diana Pimentel, Luis Maffei, UMa–CIERL
e Edições Guilhotina
edicoesguilhotina@gmail.com
www.edicoesguilhotina.com

Título: Até que. Herberto.
Autor: Vários
Organização: Diana Pimentel e Luis Maffei
Revisão: Edições Guilhotina
Composição e capa: João Mota
Edição: Edições Guilhotina

Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense
Data de impressão: 2016
Depósito Legal: 418239/16
ISBN: 978 989 99617 1 5
Tiragem: 150 exemplares

Co-edição:Apoio:

CIERL | CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ESTUDOS REGIONAIS E CIDADES UNIVERSIDADE DA MADEIRA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Até que. Herberto., com organização de Diana Pimentel
e Luis Maffei, foi impresso em papel Cyclus Offset e composto
em caracteres Calibre e Tiempos Text.

Até que. Herberto.

organização
Diana Pimentel
Luis Maffei

Índice

quando herberto 9

Ana Cristina Joaquim
A Boca do Mundo: Herberto Helder
e as Matérias Vocabulares 11
Amanda Damasceno
Ao invés de morte te chamo poesia 23
Daniel Rodrigues
Toda a obra. Os tempos 33
João Tiago Lima
Por que motivo Herberto Helder não é
um poeta da vida de Eduardo Lourenço? 49
Kigenes Sima
"O tempo fora dos seus gonzos":
a poética multicrônica de Herberto Helder 65
Luis Maffei
A errada mão de príapo ou as quatro obscuridades 75
Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira
Servidão consentida: uma leitura da imagem
em Herberto Helder 93
Mauricio Salles Vasconcelos
HH / Ofício Cosmográfico 107
Paulo Braz
Herberto Helder, servir ao desejo cantante 117
Rafael Lovisi Prado
Conexão Helder-Deleuze-Guattari:
Mapas, visões e audições; uma língua... 137
Ricardo Borges
O poema "Tríptico" e múltiplas transformações 157
Roberto Bezerra de Menezes
Reescrita e versão em Servidões e em
A Morte Sem Mestre, de Herberto Helder 165
Sérgio Lima
A voz humana como húmus: intercessões
entre Herberto Helder e Raúl Brandão 175

Nota biográfica dos autores 152

João Tiago Lima

Por que motivo Herberto Helder não é um poeta da vida de Eduardo Lourenço?

I

POR QUE motivo Herberto Helder não é um poeta da vida de Eduardo Lourenço? Gostaria que acreditassem que nada nesta pergunta pretende ser retórico. O que não quer dizer que o não seja. De qualquer modo, faço-a movido[14] por uma espécie de curiosidade quase ingénua de procurar saber mais sobre Eduardo Lourenço e mais sobre Herberto Helder. Gostaria que acreditassem que, ao formular esta pergunta, não sei de antemão qual é a resposta certa.

Leio o penúltimo parágrafo do breve ensaio, não assinado, mas que sei ter sido redigido pelo poeta (e também leitor muitíssimo atento) Gastão Cruz, que fala da relação entre Eduardo Lourenço e a poesia:

> Perante os textos de Eduardo Lourenço sobre poesia, provindos de um espaço convencionado como sendo o do ensaio ou da crítica, temos a percepção, num grau porventura incomparável no panorama português, de que deparamos com um trabalho que é também de criação poética, não obstante o rigor, a profundidade e a justeza das leituras
> (2008: 7).

Tendo a subscrever a quase totalidade do que arrisquei citar, pois a citação é sempre, como veremos mais adiante, um risco. Penso que, no essencial, esta tese sustentada por Gastão Cruz será acolhida sem reservas por todos os leitores de Eduardo Lourenço. O *quase* de que falava atrás tem a ver apenas com

14 Interessa-me também a palavra *motivo* por causa da sua riqueza etimológica. Motivo significa também, através da sua ascendência latina vinculada ao termo *motus*, "aquilo que põe em movimento". Esta investigação visa também perscrutar os movimentos subterrâneos das obras de ambos os escritores que poderão ajudar a explicar o escasso diálogo que entre elas existe.

a locução conjuntiva "não obstante". De facto, essa locução parece separar adversativamente duas actividades: a "criação poética", por um lado; "o rigor, a profundidade e a justeza das leituras", por outro. Compreendo mal que essa separação seja feita de um modo categórico. Sobretudo se estamos a falar de Eduardo Lourenço.

Em tempos já de certa forma distantes, Diogo Pires Aurélio, um filósofo (mas também poeta, autor de, pelo menos, um livro), durante uma entrevista que efectuou a Eduardo Lourenço, afirmou o seguinte: «há literatos que o consideram um metafísico e sei de literatos que o rotulam de metafísico» (1985: 11). Esta dificuldade – se é de dificuldade que, em rigor, se trata – não é sentida exactamente por Diogo Pires Aurélio que chama para título dessa entrevista uma expressão do próprio Eduardo Lourenço que talvez não seja menos ambígua: *confissões de um místico … sem fé!*

É certo que, para espíritos menos abertos ou mesmo para leitores pouco versáteis, esta indecisão que atravessa muitas das páginas do autor de *Tempo e Poesia* não constitui propriamente uma vantagem. Com efeito, os zelosos guardadores de fronteiras das artes e das chamadas ciências humanas (porque, como todos sabemos, eles existem) quase nunca dão passagem ao ensaísmo heterodoxo, desde logo porque o não conseguem encerrar numa definição segura e tranquila.

Prefiro, por isso, ensaiar uma outra hipótese. Encontro-a nas palavras de um padre, Frei Bento Domingues. É possível que, para certas pessoas, se trate de um padre algo heterodoxo, mas a verdade é que não tenho a melhor impressão dos guardas fronteiriços… Numa conversa com a escritora Lídia Jorge, Frei Bento Domingues declara, a dado passo, o seguinte: «O Eduardo Lourenço diz que o comentário do poema só pode ser o poema. Ele, quando comenta, não explica. Ele faz um outro poema ao lado do poema» (2014: 17). Esta leitura de Frei Bento Domingues (que provavelmente resulta de um misto de leituras e diálogos com o próprio Eduardo Lourenço) é bastante curiosa. Comentar um poema (e comentar talvez seja, neste caso pelo menos, estar a meio caminho entre a atitude do crítico e o gesto do ensaísta) é, ao mesmo tempo,

ler com rigor, profundidade e justeza, mas também um fazer criativo: "faz um poema ao lado do poema".

Não obstante aquele *não obstante*, volto ao ensaio de Gastão Cruz pois ele sublinha o papel principal das leituras de poesia no quadro mais geral da obra de Eduardo Lourenço. E, para além disso, o seu contexto é muito relevante. Trata-se da apresentação do número vinte e dois da *Relâmpago – Revista de Poesia* que apresenta um extenso dossier dedicado a "Eduardo Lourenço, leitor de poesia". A *Relâmpago* é uma das mais importantes revistas de poesia em língua portuguesa do nosso tempo. Ora, entre os numerosos autores a quem a revista tem vindo a dedicar números especiais, apenas um não é um poeta. Trata-se, precisamente, de Eduardo Lourenço que ascende a esse estatuto enquanto leitor de poesia. Julgo que a distinção é perfeitamente justificada e alguns dos textos – serão eles ensaio? crítica? criação poética? –, que Eduardo Lourenço aceitou que integrassem esse número da *Relâmpago*, conferem ainda mais pertinência à escolha dos responsáveis pela revista, escolha que, por si só, testemunha a importância do papel que o *leitor Eduardo Lourenço* representa no quadro da poesia portuguesa contemporânea.

Para além da vastíssima e decisiva exgese que consagrou a Fernando Pessoa e às múltiplas dimensões da sua obra, Eduardo Lourenço é o autor de inúmeras e relevantes interpretações de quase todos os poetas portugueses pós-*Orpheu*, como se pode observar em *Tempo e Poesia*, na sua versão revista e aumentada que saiu, com a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian, como terceiro volume das *Obras Completas* (cf. sobre este tópico Sousa, 2016: 7-53).

Por seu turno, Herberto Helder tornou-se, ao longo dos últimos anos e para muitos leitores, «cada vez mais obviamente o poeta central da poesia portuguesa da segunda metadedo século XX» (Queirós, 2013: 8). De resto, em entrevista realizada a 1 de junho de 2012, o próprio Eduardo Lourenço lança esta interrogação: «Mas, neste momento, nalgum sítio há algum poeta, um grande poeta como o Herberto Helder? Duvido. Em França não existe... Posso garanti-lo» (2015: 261).

Dito isto, posso talvez retomar a pergunta inicial.

II

A pergunta *por que motivo Herberto Helder não é um poeta da vida de Eduardo Lourenço?* radica, digamos, em dois planos. Em primeiro lugar, ela surgiu na sequência da observação de um facto, ou seja, de uma situação facilmente documentável. Mas, em segundo lugar, a pergunta visa chegar mais além. Através dela procuro inteligir o motivo (ou os motivos) por que na obra de Eduardo Lourenço a presença de Herberto – mas, convém dizê-lo desde já, é o sentido deste conceito de presença que importa, acima de tudo, elucidar – não assume a relevância que, supostamente, deveria ter.

Não ignoro que, ao formular a pergunta nestes termos, estou já a condicionar, mesmo que o não queira fazer, algumas possíveis respostas. Desde logo, porque também é legítimo colocar outras questões afins. Por exemplo esta: por que motivo há-de ser Herberto Helder um poeta da vida de Eduardo Lourenço? Ou esta: há poetas (Herberto ou outros) na vida de Eduardo Lourenço? Ou ainda: o que significa a expressão *poeta na vida* de alguém, seja este leitor de poesia ou não?

Sem querer fugir as estas questões regresso, por agora, ao facto que está na origem da pergunta com que intitulo esta reflexão. Em 2006, Eduardo Lourenço, respondendo a um convite do jornal *Público*, organiza e prefacia um volume integrado na série *os poemas da minha vida*[15]. Nesse prefácio, o ensaísta escreve uma frase que me impressiona muito: «Não sei que poema entrou como um ladrão na minha alma» (2016: 275). Esta frase – dir-se-ia um *quase verso* – evoca o movimento original da inscrição da poesia (ou do poema, esta

15 Cf. Lourenço (2006). Nessa antologia, Eduardo Lourenço incluiu poemas de Petrarca (traduzido por Vasco Graça Moura), Luís de Camões, S. João da Cruz (por Jorge de Sena), Novalis (por Fiama Hasse Pais Brandão), Baudelaire (por Jorge de Sena e por Fernando Pinto do Amaral), Antero de Quental, Cesário Verde, Camilo Pessanha, António Machado (por José Bento), Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, José Régio, Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Carlos de Oliveira, Eugénio de Andrade, Mário Cesariny, Alexandre O'Neill, António Ramos Rosa, António Osório, Ruy Belo, Pedro Tamen, Armando Silva Carvalho, Gastão Cruz, Vasco Graça Moura, Al Berto, Nuno Júdice e Paulo Teixeira.

distinção tem significado, mas não a posso desenvolver aqui) na vida do leitor Eduardo Lourenço que acaba por confessar não saber qual foi o poema em concreto que causou essa espécie de roubo da sua alma.

(Abro um inadiável parêntesis para citar Herberto Helder, mesmo que citá-lo possa parecer sempre a ordem do criminoso:

> - *Esta*
> *espécie de crime que é escrever uma frase que seja*)
> (1987:8).

Uma antologia desta natureza (*Os poemas da minha vida*) comporta sempre vários perigos. Escolher um poema é fazer uma citação desse *poema contínuo* que é a obra de um poeta. Eduardo Lourenço não esconde esse risco inerente à escolha e abre o prefácio com uma espécie de declaração de princípio: «Nem todos terão sido, em sentido próprio, os "poemas da minha vida"» (2016: 275). Ou seja, nem todos praticaram aquela espécie de crime que consistiu em *entrar como um ladrão* na sua alma. Ainda assim, alguns desses poemas – o ensaísta não diz quais são – foram escolhidos (em sentido impróprio?) por Eduardo Lourenço para figurar na colecção solicitada pelo jornal *Público*. Mas mais interessante talvez seja tentar perceber quais os poemas que poderiam ter sido escolhidos e não o foram.

Qualquer escolha implica uma recusa. Desde há muito que sabemos isso. Aprendemo-lo também com Eduardo Lourenço que, entre outras lições inesquecíveis acerca da liberdade humana, nos deixou esta:

> Um autêntico acto livre obriga-nos sempre a queimar
> parte dos navios ou a esquadra inteira com que chegamos
> à hora da decisão, como Hernan Cortez. Mas para que
> mereça o nome de livre, é preciso que o façamos em
> nome da esperança. É preciso fazê-lo se pensamos com
> isso poder conquistar o México
> (2011: 142).

Num certo sentido, ao escolher *estes poemas da sua vida*, Eduardo Lourenço seria sempre obrigado a queimar outros.

Só assim poderia conquistar o *seu México*. Entre os poemas-navios (ou, se se quiser, *poemas-motivos*, ou ainda, *poemas em movimento*) que decidiu abandonar – pressupondo que essa recusa tenha sido premeditada, mas, se o não foi, isso será também sintomático – saltam à vista os de Herbero Helder.

Nenhum poema de Herberto faz parte dos *poemas da vida de Eduardo Lourenço*. Dir-se-á que poemas de outros poetas também não comparecem nesta antologia e isso é, naturalmente, verdadeiro. Mas, como vimos atrás, Eduardo Lourenço não ignora a grandeza do autor de *A faca não corta o fogo*: "em França não existe [um poeta tão grande como Herberto]". Ainda assim, na extensíssima obra de Eduardo Lourenço, as referências a Herberto – sobretudo se as compararmos com outros poetas portugueses da segunda metade do século passado – são relativamente escassas. Contudo, embora esporádicas, essas referências encontram-se espalhadas por textos cronologicamente muito afastados entre si.

Assim, julgo poder afirmar sem grande risco de erro que a primeira vez que Eduardo Lourenço escreve sobre Herberto Helder é num ensaio publicado na revista *O Tempo e o Modo* em Outubro de 1966, intitulado "Uma literatura desenvolta ou os filhos de Álvaro de Campos" (1994: 255-267). Não é, todavia, do poeta Herberto Helder de que aqui se fala. Tão pouco se fala de poesia, aliás. A *literatura desenvolta* a que Eduardo Lourenço se refere (sendo que a expressão *os filhos de Álvaro de Campos* não é nada irrelevante) é a nova ficção que aparece em Portugal num período que o ensaísta baliza entre 1953 e 1963, ano, como se sabe, da primeira edição de *Os Passos em Volta*. Embora Eduardo Lourenço, neste ensaio, nunca cite esta (ou qualquer outra) obra[16] de Herberto Helder, a verdade é que esta-

16 É curioso que Nélson de Matos, num ensaio também publicado em *O Tempo e o Modo* e que constitui, de certa maneira, uma resposta ao texto de Eduardo Lourenço, se refira expressamente a *Os Passos em Volta* o que parece confirmar que era na condição de autor desse livro em prosa (mas os limites entre prosa e poesia são tudo menos pacíficos neste caso) que Herberto Helder fora mobilizado para *enfileirar* no que Eduardo Lourenço designara por *literatura desenvolta* (1967: 75-81).

belece uma aproximação entre este e Ruben A., ainda que em termos interrogativos[17] e, quase no fim do ensaio, aproxima Herberto Helder de Agustina Bessa-Luís, Augusto Abelaira e de Almeida Faria (267). Ora, nenhum deste quatro escritores – que têm em comum com Herberto o facto de terem publicado as suas primeiras obras (ou, pelo menos, as primeiras das suas obras mais representativas) naquele período entre 1953 e 1963 – se destacava então, ou veio a destacar-se posteriormente, como poeta. Aliás, de todos os autores referidos no ensaio por Eduardo Lourenço como pertencendo ao grupo dos *filhos de Álvaro de Campos* apenas constam, para além de Herberto Helder, dois que se revelaram também como poetas: Natália Correia e David Mourão-Ferreira. Porém, quer uma, quer o outro ainda têm, nesse texto, uma passagem mais fugaz do que o próprio Herberto Helder que, por sua vez, é aí valorizado por ser, antes de mais, um entre vários exemplos da vitalidade da ficção portuguesa mais recente. Julgo importante destacar que, cinco anos antes, António Ramos Rosa defendera que Herberto Helder é «um poeta de valor excepcional, mesmo para além da sua geração [e] (...) um poeta órfico da estirpe de um Hölderlin ou de um Rilke» (1961: 18-19)[18]. O contraste é, parece-me, flagrante.

Claro que é possível encontrar outros textos nos quais Eduardo Lourenço faça incidir a sua atenção sobre Herberto Helder, o poeta. Mas, quando isso sucede – e, repito, essas ocasiões não são tão frequentes assim –, de duas, uma. Ou se trata de um texto de natureza mais genérica sobre a poesia portuguesa do século XX, como é o caso do belo ensaio "Entre o Ser e o Silêncio. Cem anos de poesia portuguesa", onde Eduardo Lourenço situa, com a sua habitual mestria, a poesia herbertiana entre o surrealismo (mais especificamente,

17 «Que há de comum entre Bessa-Luís? (...) Ou Herberto Helder e Ruben A.?» (1994: 255).

18 Refira-se que António Ramos Rosa fizera sair, logo em Outubro de 1958, no nº 3 de *Cadernos do Meio-Dia*, uma recensão crítica ao livro de estreia de Herberto Helder *O Amor em visita*. O ensaio "Herberto Helder, poeta órfico" foi depois incluído no livro *Poesia, Liberdade Livre* (Lisboa, Moraes, 1962), embora com algumas modificações. A primeira frase aqui citada, por exemplo, não foi incluída.

Mário Cesariny e Alexandre O'Neill) e a *Poesia 61* (2016: 690). Ou se se trata de textos dedicados a outros poetas e em que Herberto aparece para fazer uma espécie de contraponto.

Está neste grupo o ensaio de 1968 e que inicialmente foi chamado "Angelismo e poesia. De Eugénio de Andrade a Herberto Helder". A julgar pelo título, o objectivo de Eduardo Lourenço seria desenvolver as relações entre o *angelismo* em Eugénio e noutros poetas, entre os quais Herberto. De tal modo que, na sua versão original, o ensaio termina com esta promissora frase: «É sobretudo destas 3 formas de *angelismo* que nós nos ocuparemos» (1968:14). Ora, a verdade é que esse projecto parece não ter chegado a bom porto e, quando, três anos passados, o texto é integrado, como segunda parte do capítulo "A poesia de Eugénio de Andrade", em *21 Ensaios sobre Eugénio de Andrade seguidos de Antologia*, surge já apenas como "Angelismo e Poesia", ou seja, a referência no título a Herberto Helder desaparece, tal como a frase que prometia um outro desenvolvimento da reflexão. Este ensaio foi republicado em várias outras ocasiões e nunca mais apareceu com o título original. Quem leia o ensaio, apenas nas suas versões ulteriores, ficará provavelmente com a impressão de que a referência ao «*anti-humanismo* de que uma obra como a de Herberto Helder pode ser e é, até ao presente, o mais impressionante exemplo» (2016: 143) seria simplesmente um modo de concluir o estudo sobre a poesia de Eugénio de Andrade, mas é muitíssimo provável que tenha começado por ser uma pista que Eduardo Lourenço depois acabou por não seguir.

Um outro bom exemplo desta forma indirecta de Eduardo Lourenço falar do poeta Herberto Helder encontra-se num ensaio sobre um outro poeta: António Ramos Rosa. E fá-lo justamente recorrendo ao já mencionado ensaio que Ramos Rosa, em 1961, dedicou a Herberto. Assim, escreve Eduardo Lourenço, sobre a poesia do autor de *O Grito Claro*:

> talvez melhor a definam as palavras que [Ramos Rosa] endereça (...) a Herberto Helder, cuja vocação é (...) a "de atingir esse espaço uno em que interior e exterior não estão divididos, em que o espírito, as coisas e os seres

> se comunicam e fecundam mutuamente através das equações poéticas"
> (2016: 206).

No entanto, a analogia não satisfaz inteiramente Eduardo Lourenço que remata (do meu ponto de vista, é um remate magnífico): «A única diferença é que aquilo que em Herberto Helder se processa no tumulto, em Ramos Rosa tem a nitidez e a contenção de uma lâmina» (Ib.).

Pergunto, agora, o seguinte: será que Eduardo Lourenço não escreveu mais sobre Herberto Helder por motivos simplesmente circunstanciais? Por exemplo, é bem possível que, em virtude de não viver em Portugal, nem sempre os livros de Herberto lhe tenham chegado às mãos[19]. Por outro lado, o próprio Eduardo Lourenço confessa que a redacção dos seus ensaios quase sempre resulta de convites que lhe são feitos. Ora, a verdade é que tudo indica que Eduardo Lourenço foi convidado para escrever sobre Herberto Helder, como se verá a seguir.

III

«E quanto ao seu Prefácio ao Herberto Helder?»

Tudo o que gostaria de escrever aqui poderia passar também por esta nova pergunta. Passaria, desde logo, pela pergunta acerca da sua própria pertinência – mas, pergunto eu, não fará parte da natureza de uma pergunta, da sua profunda razão de ser, uma certa intempestividade?

Aproximo-me um pouco mais da primeira desta série de

19 Da lista de livros que tinha na sua antiga casa em Vence e que entregou à Biblioteca Municipal da Guarda (por decisão de Eduardo Lourenço seguiram para esta Biblioteca apenas os seus livros de literatura), constam quatro volumes de Herberto Helder: *Cobra* (& Etc, 1977), *Photomaton & Vox* (Assírio & Alvim, 1979), *Os passos em volta* (Assírio & Alvim, 1980, 4ª edª) e *As magias (alguns exemplos)*(Assírio & Alvim, 1988). Registe-se que todas estas edições são posteriores à revolução de 25 de Abril de 1974, período em que Eduardo Lourenço passou a visitar o seu país com mais frequência e, ao mesmo tempo, em que os livros de Herberto Helder passaram a ter uma distribuição comercial mais alargada.

perguntas. Ou melhor: do seu contexto. Talvez assim esteja em condições para aprisionar o seu sentido ou até a sua oportunidade, senão mesmo para averiguar da sua legitimidade. E, no entanto, qualquer explicação comporta em si mesma o risco de falhar. Deste modo, em vez de me aproximar da pergunta, poderei sempre entrar numa espécie de interminável errância que nada explique. Decido, mesmo assim, arriscar e enfrentar a possibilidade do erro.

Quem pergunta «E quanto ao seu Prefácio ao Herberto Helder?» (2009:409) é Luis Amaro, um dos nomes mais silenciosos (e este silêncio não enfraquece em nada, julgo, a qualidade da sua pouco extensa obra publicada) da poesia portuguesa contemporânea, mas que, nesta circunstância, fará a interrogação eventualmente na qualidade de responsável editorial da Portugália, casa onde Herberto Helder publicou alguns dos seus livros durante a década de Sessenta.

O destinatário da pergunta «E quanto ao seu Prefácio ao Herberto Helder?» é, como se imagina, Eduardo Lourenço que, à falta de outros dados que me permitam delimitar com mais rigor o contexto desta conversa, poderei pensar que terá sido convidado a redigir um texto introdutório para um livro do, naquela altura, não só autor de *Os Passos em volta*, mas também já da primeira edição de *Ofício Cantante 1953-1963* (1967), ambos editados precisamente pela Portugália ou ainda de *Apresentação do Rosto* (1967), por exemplo.

A verdade é que não conheço senão três cartas de Luís Amaro para Eduardo Lourenço, datadas respectivamente de doze, quinze e vinte e três de Janeiro de 1971 e todas elas publicadas num número especial que a revista *Colóquio-Letras* dedicou ao autor de *Tempo e Poesia*. Nessas cartas, apenas na segunda Luís Amaro se refere ao suposto prefácio de que se teria falado (tudo indica que o próprio Luís Amaro, creio eu) num momento anterior e que não terá sido necessariamente numa carta.

Por outro lado e curiosamente, Luís Amaro dedicou um poema a Eduardo Lourenço (trata-se de "Uma sombra passou..." do livro *Dádiva* de 1949) e um outro a Herberto Helder (refiro-me a "Fuga" que integra um conjunto intitulado "Outros poemas" do volume *Diário Íntimo* que inclui também

Dádiva) (2006). Não vou analisar os dois poemas, mas é possível que ambos evoquem um cenário de desencontro. Qualquer coisa como uma oportunidade perdida. Uma pergunta que passou como sombra e fugiu sem resposta. Um pouco como o convite a Eduardo Lourenço sugerido na pergunta: «E quanto ao seu *Prefácio* ao Herberto Helder?»

Em 2015, Gastão Cruz – é de novo ele quem entra em cena – refaz de certo modo a pergunta de Luís Amaro e convida Eduardo Lourenço a escrever um texto sobre a poesia de Herberto Helder para o número que a revista *Relâmpago* pretende consagrar ao poeta de Última Ciência. Após alguma insistência e a pedido de várias pessoas, Eduardo Lourenço redige em Setembro desse mesmo ano: "Herberto Helder: Sob o Signo do Fogo" (2016: 605-607). Vale a pena dedicar a este curto ensaio as últimas palavras desta minha espécie de prefácio a uma reflexão futura.

IV

Várias coisas me surpreendem neste ensaio que, segundo parece, Eduardo Lourenço desistiu finalmente de continuar a adiar. Podemos relê-lo, hoje, como se fosse o prefácio prometido (mas será que houve mesmo uma promessa?) a Luís de Amaro. O tal *prefácio ao Herberto Helder*, portanto. Um prefácio a um livro de Herberto? Mas a qual livro? *Vocação animal* desse mesmo ano de 1971? A primeira edição de *Poesia Toda* (1973)? Um outro livro que nunca passou de ser um projecto?

Pouco importa. Prefiro levar completamente à letra a pergunta e imaginar que se trata de um prefácio *ao Herberto Helder*. Ao poeta. A Herberto Helder, finalmente *poeta da vida* de Eduardo Lourenço. A primeira frase do ensaio – e sabemos como as primeiras frases nunca são aleatórias, mesmo quando o parecem ser (sobretudo se estamos a falar de Eduardo de Lourenço) – autoriza-nos a seguir este trilho. Escreve Eduardo Lourenço: «Herberto é o não-Pessoa por excelência» (2016: 605). A frase – que, arrisco, torna-se imediatamente memorável para quem a lê ou para quem a ouve – define todo um programa estético, filosófico e poético.

Já o insinuei atrás. Eduardo Lourenço, leitor de poesia, é, antes de mais, Eduardo Lourenço, leitor de Pessoa. Um exemplo apenas, entre imensos possíveis:

> Nunca me quis servir dos autores. Hesitei durante muitos anos em escrever o *Pessoa Revisitado*, nunca me quis servir de Fernando Pessoa para fins escolares. Podia ter feito uma tese, há imensas por aí, que são apresentadas, curriculadas, e tal. Mas nunca. É que a minha relação com Pessoa... Encontramos os autores com este sentimento de que fomos roubados, de que fomos já vividos, de que já fomos consumidos anteriormente. Por conseguinte, experimentamos um sentimento de fascínio e, ao mesmo tempo, quase de terror diante de gente que nos parece tão parecida connosco por dentro, não é? E isso é inutilizável. É como se eu... Vem daí o próprio facto de eu não ser capaz de falar de mim. A minha maneira de falar de mim é falar através de Fernando Pessoa, ou de outro autor com quem eu tenha afinidade. Na verdade, eu falo de mim em todos os textos: tanto me faz que seja sobre política, literatura ou qualquer outra coisa.
>
> Nós falamos sempre de nós nos textos, mas nuns mais do que noutros. Tenho consciência de que tudo me é pretexto para não falar de mim. Ou seja, para falar incessantemente de mim. É por isso que a minha escrita é lírica, passional (1986: 2-6).

Que pretendo eu com esta longa citação? Talvez dizer que ela justifica a tese de que Pessoa é um (ou mesmo *o*) poeta da vida de Eduardo Lourenço. Não por acaso é o autor de "Súbita mão de algum fantasma oculto" quem ocupa maior número de páginas em *Os poemas da minha vida* de Eduardo Lourenço. Mas, mesmo que o não fosse, isso em muito pouco diminuiria a evidência que Pessoa é um dos *motivos* da *vida em obra* de Eduardo Lourenço, caso queiramos retomar a ideia de Merleau-Ponty sobre Cézanne: «Claro que a vida não *explica* a obra, mas é também óbvio que ambas comunicam entre si. A verdade é que *esta obra no seu fazer-se exigia esta vida*» (1994: 259).

Por que motivo Herberto Helder não é um poeta da vida de Eduardo Lourenço?

Dizer que "Herberto é o não-Pessoa por excelência" significa quase tanto como tudo o que Eduardo Lourenço não escreveu sobre o poeta de *O amor em visita*. Um pouco como se, vale o exagero, Eduardo Lourenço tivesse passado a vida inteira a descobrir por que motivo não é Herberto um poeta da sua vida. Por outro lado, tudo isso que não escreveu (e que, como vimos, talvez pudesse ter escrito) não significa provavelmente menos do que podemos ler no que se segue à primeira frase de "Herberto Helder: Sob o signo do fogo" e que, em rigor, pouco mais é do que um breve comentário a uma longa citação do primeiro livro do poeta.

É bem conhecida a frase antiga de Herberto Helder que, em tempos, afirmou: «O melhor que disseram de mim foi quando estiveram calados» (2015:7). Não sei se Eduardo Lourenço alguma vez se cruzou com esta frase do poeta. É provável que, pelo menos de forma indirecta, isso tenha sucedido. Contudo, e embora menos divertida, a minha provisória hipótese de leitura é outra, porventura bem mais simples. Suspeito que, quando leu o poeta Herberto Helder, Eduardo Lourenço não terá experimentado aquele "sentimento de fascínio e, ao mesmo tempo, quase de terror diante de gente que nos parece tão parecida connosco por dentro" de que fala para descrever o seu encontro com o texto pessoano.

Em *Pessoa Revisitado*, Eduardo Lourenço afirma que, num certo sentido, não basta ler um poema para que este exista enquanto tal. Por exemplo, a leitura de um poema de Pessoa pode deixar um determinado leitor indiferente. É o que sucede quando «essa leitura não o subtrai à tranquilidade morna da sua existência, inscrevendo-se apenas nela como uma "informação" suplementar, ressentida acaso como uma banalidade» (1973:16). Dessa *não-leitura* de um poema ninguém está livre. Nem o leitor. Nem o poema que, nesse caso, não chega propriamente a ser poema.

Claro que, apesar de todos estes sinais que procurei recensear, não é forçoso que tenha sido assim que as coisas se passaram – ou melhor, não se passaram – quando Eduardo Lourenço leu o poeta Herberto Helder. Continuo sem saber quais são os motivos pelos quais Herberto Helder não é

um poeta da vida de Eduardo Lourenço. Nem sequer estou absolutamente certo do que a expressão *poeta da vida de alguém* possa, em rigor, significar. Por isso, o que aqui escrevi talvez seja apenas um prefácio a um livro que jamais acabarei de escrever.

REFERÊNCIAS

AMARO, Luís. Carta a Eduardo Lourenço (15/I/1971). *Colóquio-Letras*, nº 171, Lisboa, p. 406-410, Maio de 2009.

_____*Diário Íntimo*. Lisboa, & etc, 2006, 2ª edª.

CRUZ, Gastão. [Introdução]. *Relâmpago – Revista de Poesia*, Lisboa, nº 22, p. 7, Abril de 2008.

DOMINGUES, Frei Bento. "O goleador de Deus", entrevista por Lídia Jorge e Daniel Rocha. Suplemento 2 de *Público*, Lisboa, p. 14-19, 28/IX/2014.

HELDER Herberto. Entrevista por Adelino Gomes. *Diário Popular*, Lisboa, 25/XI/1965 apud SILVA, João Céu da. "Autoretrato de Herberto enquanto deu entrevistas". *Diário de Notícias*, Lisboa, p. 7, 25/III/2015.

_____ *Photomaton & Vox*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, 2ª edª, FREITAS, Manuel de. *Uma espécie de crime: Apresentação do Rosto de Herberto Helder*, Lisboa, & etc, 2001.

LOURENÇO, Eduardo. "Angelismo e poesia. De Eugénio de Andrade a Herberto Helder-II". Suplemento Cultura e Arte de *O Comércio do Porto*, Porto, p, 14, 24/IX/1968.

_____*O Canto do Signo. Existência e Literatura* (1957-1993), Lisboa, Presença, 1994.

_____ "Tudo me é pretexto para falar de mim", entrevista por Inês Pedrosa, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, p. 2-6, 6/XII/1986.

_____ "Confissões de um místico sem fé", entrevista por Diogo Pires Aurélio. *Prelo – Revista da Imprensa Nacional/Casa da Moeda*, Lisboa, nº especial, p. 7-16, Maio de 1984.

_____*Heterodoxias*, Obras Completas. volume I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

_____*Os poemas da minha vida*, Lisboa, Público, 2006.

_____*Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente*. Porto, Inova, 1973.

_____*Tempo e Poesia*, Obras Completas. Volume III, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2016. Coordenação e introdução de SOUSA, Carlos Mendes de.

_____ "Uma conversa em roda livre", entrevista por Luís de Barreiros Tavares. *Nova Águia – Revista de Cultura*

para o Século XXI, Sintra, nº 16, p. 250-262, 2º Semestre de 2015.

MATOS, Nélson de. "Eduardo Lourenço e a Nova Literatura – ou os netos de Álvaro de Campos", *O Tempo e o Modo*, nº 45, Lisboa, p. 75-81, Janeiro de 1967.

MERLEAU-PONTY, Maurice Merleau-Ponty, "A dúvida de Cézanne", *Caderno de Filosofias*, nº8, Coimbra, p. 7-33, Associação de Professores de Filosofia, Março de 1994.

QUEIRÓS, Luís Miguel. "Herberto Helder – A arte de ser único". Suplemento Ípsilon de *Público*, Lisboa, p. 8, 14/VII/2013.

ROSA, António Ramos. "Herberto Helder, poeta órfico", *Diário de Lisboa*, Lisboa, p. 18-19, 6/VII/1961.